

DIVERSIDADE FAMILIAR: UM DESAFIO PARA AS ESCOLAS CONTEMPORÂNEAS

Sheila Danielle Fernandes de Souza

Sheiladanielle23@hotmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Resumo: As escolas compreendem um público heterogêneo de alunos e pais que convivem em um mesmo espaço físico diariamente, e que conseqüentemente a escola lida com as famílias desses alunos que assim como eles possuem suas diferenças. Neste caso, daremos ênfase aos arranjos familiares considerados fora do padrão estabelecido como normal por parte da sociedade. Dessa forma, este trabalho objetiva investigar como os professores lidam com essa diversidade presente no ambiente escolar de forma a proporcionar tanto aos alunos como às suas famílias um ambiente de respeito e que que trabalhe para romper essas dicotomias entre o que se considera normal e anormal no meio social no qual vivemos. Para isso, utilizamos como aporte teórico, os autores Tardif (2002); Louro (1997); Alarcão (2010); Duek (2011); Assim, podemos perceber que apesar de este tema ser bastante discutido mesmo no ambiente escolar, os professores se mostram inseguros e confusos sobre a melhor forma de lidar com tais assuntos – e esta dificuldade se dá principalmente devido os professores terem uma visão bastante tradicional e preconceituosa sobre o assunto. Dessa forma, acreditamos que seja de fundamental importância e necessidade que os professores busquem estudos direcionados para lidar com a diversidade presente nas escolas, pois este é um fator que a cada dia se mostra a necessidade de estarmos atentos para que se consiga trabalhar de maneira a promover o respeito entre seus membros, pois estes o levarão para fora da escola.

Palavras chave: Família; diversidade; ambiente escolar.

Introdução:

Este trabalho objetiva compreender sobre a interação da escola frente a diversidade familiar dos alunos e alunas no ambiente escolar, e como os professores lidam com essas diferenças do que é considerado como normal sob a ótica da sociedade. Dessa forma, optamos fazer uma pesquisa voltada para uma professora da educação infantil de uma escola privada de Pau dos Ferros. Este trabalho constitui-se como relevante instrumento de reflexão sobre a prática docente frente a diversidade familiar na escola, pois a conscientização por parte da escola sobre a diversidade existente neste ambiente constitui parte fundamental para a promoção ao respeito pelas diferenças.

Nessa perspectiva buscamos questionar sobre prática docente na escola diante de pais homossexuais, uma vez que este tipo de público é comum nas escolas e mesmo assim ainda apresenta estranhamento entre algumas pessoas. Sendo que são os professores que convivem diretamente com alunos na sala de aula, são eles as principais pessoas capazes

de conscientizar os alunos, os colegas da sala de aula, de que ninguém é inferior ou menos digno de respeito por não ser compreendido como igual dentro de determinados grupos; e que são as diferenças que constituem a nossa sociedade. O professor, principal pessoa, em sala de aula a conscientizar os alunos nesse e em outros aspectos – deve ter um olhar atento e sensível a um tipo de público cada vez mais dinâmico e diversificado. Para se compreender tal abordagem, nos utilizamos, de uma pesquisa qualitativa que segundo Mynayo (2009, p. 21), “trabalha com universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A técnica utilizada além da observação participante como uma forma de compreender o contexto da pesquisa, foi a entrevista aberta, onde foi dado a professora entrevistada a oportunidade de expor sobre suas concepções e dificuldades com o tema proposto. “A entrevista, como forma privilegiada de interação social, está sujeita a mesma dinâmica das relações existentes na própria sociedade” (MYNAYO, 2009, p.65). Desse modo, nos tornou possível perceber a relação entre as concepções da professora sobre o tema com o contexto em que ela atua, dando-nos a possibilidade de compreender sobre a forma de como esta lida diariamente com questões relacionadas a um público cada vez mais presente na comunidade escolar, que são os vários arranjos familiares.

Diante do exposto, coloca-se então, o seguinte problema: Como os professores e professoras lidam diariamente com a diversidade familiar presente no contexto escolar? Será que estão preparados para contribuir significativamente para a promoção ao respeito pelas diferenças presentes na comunidade escolar? Colocada a situação, discorreremos sobre alguns aspectos da formação de professores, assim como a necessidade de uma visão crítica e construtiva por parte dos professores.

Resultados e discussões:

O cenário das famílias brasileiras tem se modificado ao longo dos tempos. A constituição do modelo ideal de família, construída no sec. XVI, entendida como mãe, pai e filhos como coloca Ariés (1981), já não é vista como a única forma válida de família; pelo menos, não para muitos. Com isso, não estou a afirmar que antes não existiam outras formas de compor uma família, o que vem mudando aos poucos são as concepções das pessoas sobre tal assunto. Dessa forma, esse modelo de família que se tornou hegemônica, vem a cada dia se constituindo de outras formas que não as tradicionais.

Famílias constituídas fora dos padrões considerados como normais, é uma realidade na sociedade brasileira, como também nas demais sociedades, e independe da

aceitação ou não das pessoas. O que percebemos diariamente é que muitas pessoas, tanto da família como até mesmo nas escolas, é que procuram esconder essa realidade das crianças ao invés de explica-las. Dessa forma, ao invés de procurar esconder das crianças é necessário que as conscientize da diversidade, ensinando-lhes o respeito ao próximo e às suas diferenças ao invés de incentivá-las ao preconceito e a violências.

Manter um discurso com base em conceitos antigos, tipo “no meu tempo não era assim”, não é apenas improdutivo, mas um verdadeiro retrocesso. Por isso, “É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem”. (LOURO, 1997, p. 64). Dessa forma, se faz necessário que os professores incentivem os alunos à autonomia, procurando não influenciá-los a reproduzirem suas próprias concepções. Em uma das falas da professora quando interrogada sobre o que ela achava de a criança ter dois pais, ela disse que isso era pecado, não era uma coisa normal e que seria difícil para a criança compreender esse tipo de coisa quando estivesse maior.

O mundo não é estático, e é preciso que percebamos que as mudanças ocorrem e de maneira acelerada. As pessoas estão a cada dia tomando mais consciência de suas liberdades e isso inclui aquelas pessoas que por muito tempo viveram por trás de uma carapuça, disfarçando-se de quem realmente era, negando suas identidades por conta da repressão social, dos ditos valores morais que são até hoje mencionados como forma de inibir o comportamento alheio.

O ambiente escolar não é diferente dessa realidade, pois agrega um público grande e diversificado tanto de alunos, funcionários quanto de suas próprias famílias que fazem também parte desse contexto. São formas de comportamentos, pensamentos, modos de agir; enfim; a diversidade sempre esteve presente nas relações humanas, mas nem sempre foi compreendida como tal. A escola, segundo Louro (1997, p.57), desde o início se ocupou no papel de distinguir e diferenciar os sujeitos que a ela tinham acesso. “É necessário que nos perguntemos, então, como se produziram e se produzem tais diferenças e que efeitos elas têm sobre os sujeitos”. Só assim, poderemos perceber as coisas por uma ótica mais crítica e não reprodutora.

No entanto, percebe-se que algumas escolas refletem tendências pedagógicas pautadas na homogeneização, omitindo-se às diferenças presentes nesse contexto. Para que se consiga perceber o próprio comportamento no ambiente da escola “Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção na organização e no fazer cotidiano

escolar.” (LOURO, 1997, p. 59). Pois a escola de uma forma geral e principalmente os professores, pelo que observamos diariamente nas escolas, acabam trazendo suas próprias concepções do que consideram normal ou não, e isso reflete na maioria das vezes nas ações cotidianas diante de alunos e suas famílias.

Como reflete Louro (1997, p.62) “Sob novas formas, a escola continua imprimindo sua "marca distintiva" sobre o sujeitos. Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes.” Dessa forma, torna-se a cada dia um desafio a ser enfrentado pelas escolas, para que não se tornem defasadas e ultrapassadas. A visibilidade das famílias não hegemônicas, por parte da sociedade, torna-se além de importante, necessário para que haja uma convivência harmoniosa e respeitosa no ambiente escolar.

Professores e saberes docentes: um olhar para a diversidade

Apesar de se ter uma clara consciência de que um professor deve formar alunos autônomos e que sejam capazes não só de construírem conhecimentos que os tornem capazes de atuarem no mercado de trabalho, mas também que aprendam a conviver em sociedade, respeitando não só as pessoas que pensam ou que sejam consideradas iguais, mas também as que pensam e agem diferente; muitos professores acabam se perdendo nessas concepções e acabam fazendo do seu próprio modo, ou seja, procuram muitas vezes imprimir sua própria forma de pensamento nos alunos; suas concepções, o que consideram como correto ou não. Essas ações manifestam-se em gestos simples e cotidianos.

Tomamos como exemplo, o simples fato de fazer uma oração no início da aula. Pode haver alunos que não se identificam com essa prática, talvez por praticarem outro tipo de religião. Mas para o professor, esse tipo de prática é vista de forma sublime. “Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens— reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente.” (LOURO, p. 61). Por isso, que se faz necessário e urgente uma atenção especial, voltada as atitudes que se expressam diariamente nas rotinas escolares dos professores.

É certo q as universidades, não nos dá uma cartilha pronta ensinando a sermos professores, mas nos dão uma base teórica, ensinando-nos principalmente a aprender a aprender; e é a partir daí que deveremos nos atentar para os desafios que nos surgem no decorrer da profissão. É compreendermos que essa base nos tirará do senso comum e nos

encaminhará para novos horizontes, para que possamos ter um olhar mais sensível diante de determinadas coisas.

Procuraremos explicitar aqui o quanto a formação pessoal implica no trabalho docente e a necessidade de refletir sobre essa prática. Faremos algumas reflexões em torno de algumas práticas pedagógicas tomando por base os seus diversos saberes no âmbito de sua profissão. Dentre tantos saberes na profissão docente, quais saberes são explicitamente privilegiados pelos professores e como se servem desses saberes na intenção de colaborar com a aprendizagem dos alunos? O trabalho docente é interativo, não se dá de forma isolada, e para isso, faz-se necessário levar em conta que os alunos trazem experiências vivenciadas fora do contexto escolar e que precisam ganhar visibilidade para que o professor consiga percebê-los além do que está posto a sua frente na sala de aula.

Segundo Tardif (2002), alguns dos saberes dos professores são adquiridos com o tempo em que este atua na profissão docente. Esses saberes advém das próprias histórias de vida. A própria experiência escolar enquanto estudante, serve como referência a alguns professores, o que pode ser considerado um erro grave, se levado em conta que desde alguns anos, o ensino teve significativas mudanças tanto no ensino em si como na forma de se lidar com a diversidade de comportamentos, opiniões e diferentes pontos de vista dos alunos.

A professora com quem conversamos e observamos suas aulas se diz uma pessoa evangélica, trabalha na educação infantil com crianças de 4 e 5 anos de idade de uma escola privada e que nesta sala de aula tem uma criança que tem dois pais, ou seja, é criada por dois homens. Sobre essa situação a professora diz explicitamente que considera “errado” e “que isto não é coisa de deus”. No entanto, as crianças como ainda são bem pequenas convivem de forma harmoniosa com o colega. Mas nos inquieta a forma de como serão os próximos anos escolares desta criança se os/as professores/as tiverem o mesmo pensamento e transferirem isto para os/as alunos/as? É a partir destes tipos de situações que aparecem como urgente para pensarmos em um posicionamento por parte de professores que não estigmatizem essas crianças nesses casos em particular. Se faz urgente refletirmos sobre situações que inicialmente parecem inofensivas, como um comentário e um sorriso maldoso diante de determinadas situações.

Neste caso, procuramos demonstrar, não sobre a metodologia de ensino da professora em questão, mas a forma como lida com alguns dilemas em sala de aula, que

influenciam diretamente na forma de como a criança apreende outras situações ancoradas pela situação em questão.

Ao agir, o professor se baseia em vários tipos de juízos práticos para estruturar e orientar sua atividade profissional. Por exemplo, para tomar uma decisão ele se baseia com frequência em valores morais ou normas sociais; aliás, uma grande parte das práticas disciplinares do professor se baseia em juízos normativos relativos às diferenças entre o que é permitido e o que é proibido. (TARDIF, 2002, p. 66).

Algumas memórias estruturam o fazer pedagógico dos professores, deixando-se interferir de tal forma que muitas vezes não reflete sobre suas próprias ações. “As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático” (TARDIF, 2002, p.73). Assim, os professores seguem muitas vezes a linha tradicionalista e demonstram dificuldades para trabalhar com um olhar mais voltado às mudanças e transformações. É necessário que o professor aprenda a lidar com certas situações; compreendendo que suas concepções e crenças não serão deixadas de lado tão facilmente, mas é extremamente necessário que se consiga ponderar; levar em conta que a nossa formação moral não interfira de forma negativa na formação dos alunos; isso seria no mínimo egoísta.

A situação, ao meu ver, é bastante inquietante; trata-se da questão de o professor, muitas vezes perceber e intervir diante de determinadas atitudes dos alunos, a partir de suas concepções pessoais sobre determinado assunto. Não foi apenas um fato isolado, mas um conjunto de fatores observados cotidianamente tanto nas ações como nas falas. Essas concepções, na maioria das vezes são carregadas de crenças religiosas que impedem que o professor consiga se despir de algumas concepções, e aja conforme o seu ponto de vista sobre o problema em questão.

Neste caso, refiro-me a uma questão bem particular, de uma professora que em diversos momentos em sala de aula da educação infantil, durante as atividades diárias das crianças, demonstra atitudes bem marcadas no que diz respeito às diferenças de gênero entre as crianças. São determinações de cores, brinquedos, lembrancinhas, quando as datas comemorativas na escola; e principalmente na fala, ao se referir. “O professor tem [...] de se considerar um constante processo de auto formação e identificação profissional” (ALARCÃO, 2010, p.34). São novos papéis que os professores necessitam desempenhar frente a uma sociedade em constantes mudanças, e o professor precisa estar atento para acompanhar, caso contrário, estará prejudicando profundamente a formação social e crítica dos seus alunos. O professor tem que repensar o seu papel como educador e

formador de opiniões. “Os professores precisam urgentemente se recontextualizarem na sua identidade e responsabilidade profissionais” (ALARCÃO, 2010, p.34).

Um professor, segundo Alarcão (2010), se caracteriza como tal quando desperta um olhar crítico no aluno, através de uma dinâmica teia de atividades; a mera transmissão de informações não contribui para que este perceba o sentido das coisas, mas que veja apenas de forma superficial, sem nenhuma criticidade. “Um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem.” (TARDIF, 2002, p. 265). Levando-se em conta que essa vivência dos professores não se desvincula de suas ações e modos de pensar, e que estarão sempre presentes no modo como estes lidam com seus alunos em sala de aula, uma questão se faz de extrema importância, que é a reflexão de sua prática não só em sala de aula, mas no ambiente escolar como um todo, entendendo este ambiente como um espaço em que o professor convive diariamente.

E nem sempre o professor percebe as diferenças, a diversidade com que lida como um aprendiz; sua visão muitas vezes estereotipada sobre o comportamento das crianças desencadeia uma rigidez em suas concepções e seu modo de pensar e agir diante de determinados acontecimentos. Para Tardif (2002, p.268) “O trabalho diário com os alunos provoca no professor o desenvolvimento de um ‘conhecimento de si’, de um conhecimento de suas próprias emoções e valores, da natureza, dos objetos, do alcance e das consequências dessas emoções e valores na ‘maneira de ensinar’. E esse certamente é um passo a ser dado quando professores perceberem a necessidade de um pensamento flexível por parte principalmente de pessoas que trabalham com pessoas, especificamente no ambiente escolar.

Essa falta de flexibilização pode provocar sérios danos aos alunos que convivem diariamente com um determinado “modelo de professor”. Faz-se necessário levar em conta, a necessidade da flexibilização no ensino, e principalmente em se tratando de crianças, pois estas observam e imitam muitas vezes suas ações.

Contudo, podemos perceber que algumas escolas já estão abolindo o dia dos pais e mães em detrimento do dia da família que se caracteriza por homenagear as pessoas que cuidam da criança que com ela convivem sem necessariamente ser o pai ou mãe biológicos. Não podemos negar, que este sejam um avanço dos muitos que ainda precisam serem dados. É notável a tristeza em algumas crianças durante tais datas comemorativas,

quando não participam devido não se enquadrarem nesse modelo, ou mesmo por não ter ou conviver com o pai ou mãe. Com o dia da família, a escola cria um espaço de abertura para as pessoas que realmente cuidam e/ou convivem com a criança, deixando-a mais feliz e segura.

Ainda falta muita coisa para que a escola se torne um ambiente de promoção ao respeito às diversidades, mas é inegável que tal atitude seja um avanço na promoção do respeito à diversidade familiar. “A reflexão sobre a ação pressupõe um distanciamento da ação. Reconstruímos mentalmente a ação para tentar analisá-la retrospectivamente.” (ALARCÃO, 2010, p.54). A escola, enquanto instituição também tem papel de fundamental importância em todo esse processo e não deve ficar omissa diante de certas situações. Esta, enquanto gestão, não deve estar atenta somente a resultados e notas para se expor como uma boa escola, mas deve acima de tudo estar atenta ao seu público e as suas diversas manifestações de comportamento, assim como conhecer bem seu corpo docente de forma a prevenir e agir de forma que estes atuem promovendo o respeito ao outro, e que este respeito deve começar como exemplo por parte da própria escola. Uma escola deve perceber suas necessidades e agir para sua superação.

Considerações finais:

A contemporaneidade nos faz atentar para comportamentos que a algumas décadas atrás, jamais seriam compreendidos por parte da sociedade; até hoje não é, porém tem havido uma abrangência maior, não com muita dificuldade de pessoas que se assumem como fora dos padrões sociais. São casais gays que hoje tem a oportunidade de se casarem, adotarem crianças e na medida do possível andar pelas ruas sem se preocupar com opiniões alheias, preconceituosas. Com o passar dos tempos, o modelo tradicional de família modificou-se e com ele a necessidade de uma boa relação entre escola e família.

No entanto, podemos perceber que alguns professores e principalmente a professora entrevistada que muitas vezes até consideram importante trabalhar com a diversidade na escola de forma a não segregar, mas o que acontece na maioria das vezes é que suas concepções sobre determinados comportamentos são tão fortes que isto acaba atrapalhando a forma como estes lidam com as crianças na sala de aula. Na verdade, o que mais falta a esses professores, são formações voltadas para lidar com situações cada vez mais diversificadas.

Mesmo que tenham uma visão em que se mantenham fortes valores religiosos ou morais, quando há uma formação que os conscientizam da urgência e necessidade de trabalhar de forma a promover respeito à diversidade, se consegue desenvolver um trabalho com mais equilíbrio e segurança frente a um público diverso no contexto escolar.

Referências:

ARIÈS, P. (1981). **História social da criança e da família** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

ALARCÃO, Izabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. – 7 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

LOURO, Guacira Lopes; **Gênero, sexualidade e educação**. - Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.